

## CAPA DE REVISTA: ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PARA A PERSUASÃO E A CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA SOCIAL

Edna Pagliari Brun<sup>1</sup>

**RESUMO<sup>2</sup>:** À luz dos aportes teórico-metodológicos da Semântica Argumentativa, analisamos os recursos linguístico-enunciativos que constroem a argumentatividade em um exemplar do gênero textual/discursivo *capa de revista informativa*, visando a identificar os efeitos de sentido produzidos por eles. As estratégias utilizadas, no enunciado verbo-visual de composição da *capa*, demonstraram que, além de informar, as intenções do locutor foram: (1) levar o leitor a consumir a revista; (2) persuadir o interlocutor a concordar com a opinião do locutor; e (3) fazer uma crítica ao objeto do discurso em foco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Recursos argumentativos. Capa de revista.

**ABSTRACT:** In the light of the theoretical and methodological contributions of Argumentative Semantics, We have analyzed the linguistic enunciative resources which build argumentation in a copy of the discursive genre informative magazine cover, in order to identify possible effects of meaning produced by them. The strategies used in the verbal-visual statement of the composition of the cover, showed that, in addition to informing, the intentions of the speaker were: (1) to lead the reader to acquire the magazine; (2) to persuade the reader to agree with the opinion of the speaker; (3) to critique the speech object in focus.

**KEYWORDS:** Argumentation. Argumentative resources. Magazine cover.

### Introdução

Situado entre as esferas jornalística e publicitária, o gênero discursivo *capa de revista*, de natureza argumentativa, tem o duplo propósito comunicativo de informar e persuadir. Devido ao impacto do tratamento verbal e visual que recebem, as *capas* formam a opinião do leitor antes mesmo que ele tome contato com as reportagens veiculadas na revista.

Do mesmo modo, entre um misto de informação e apelo, *as capas de revistas informativas*, hospedadas em seu suporte impresso ou na *internet*, além de informar, divulgam opiniões e ideologias, vendem tendências, levantam e fomentam polêmicas.

As chamadas, aparentemente espalhadas pelo espaço da *capa*, são cuidadosamente elaboradas, para destacar os fatos ou assuntos mais importantes para determinados grupos sociais e que, ao mesmo tempo, interessam à empresa divulgar. Enquanto as manchetes

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Letras/FAALC/UFMS – Campo Grande-MS-Brasil e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem-PPGEL-UEL – Londrina-PR-Brasil. E-mail: [ednapbrun@gmail.com](mailto:ednapbrun@gmail.com).

<sup>2</sup> A versão final deste texto é de total responsabilidade da autora.

procuram chamar a atenção para esses fatos, o trabalho de edição e montagem da *capa* associa a imagens fotográficas e a outros recursos visuais, alterando, muitas vezes, o que seria mera informação, rompendo, assim, com a proposta de objetividade característica da esfera de circulação jornalística. Dessa feita, mesmo que grande parte da população não tenha acesso ao conteúdo da revista, a simples exposição das *capas* já transmite algumas informações a respeito dos acontecimentos do contexto imediato de enunciação, colabora para a compreensão desses acontecimentos e favorece a persuasão.

A associação de elementos verbais e não-verbais, característica predominante dos gêneros multimodais, faz ainda com que nem sempre o sentido seja claramente identificável, levando as *capas de revista* a comunicar, por meio de uma trama complexa de sentidos possíveis, muito mais do que aparentam (PUZZO, 2009). Descobrir os meandros da tessitura dessa trama e seus efeitos persuasivos é uma das tarefas atribuídas ao leitor.

Com isso em mente, analisamos a constituição enunciativa da *capa* de uma edição da revista *Veja*. À luz dos aportes teórico-metodológicos da Semântica Argumentativa, o objetivo da análise foi identificar os *recursos semântico-argumentativos* disponibilizados à interpretação do público-alvo da revista, a fim de verificar os possíveis efeitos de sentido que, além de informar, levam à persuasão do leitor. O propósito deste artigo é apresentar os resultados dessa investigação.

Para tanto, iniciaremos com um breve histórico dos estudos sobre a argumentação e algumas considerações acerca dos postulados da Semântica Argumentativa; na sequência, apresentaremos as estratégias argumentativas reveladas pelos *recursos semântico-argumentativos* identificados no enunciado da *capa de revista* analisada; e finalizaremos com nossas considerações sobre os resultados.

### **Argumentação e linguagem: fundamentação teórica**

Com o intuito de expressar ideias e persuadir, o enunciador recorre a uma série de mecanismos linguísticos que, encadeados de maneira estratégica, tecem o texto e constroem a argumentação. O fascínio que essa trama produz sobre as ciências da linguagem não é recente e isso se reflete na linha do tempo dos estudos da argumentação.

De acordo com Oliveira (2002), o marco inicial desses estudos é o século V a.C., quando, na Grécia Antiga, Córax e Tísias propuseram o primeiro “método de argumentação”, com o intuito de convencer um tribunal a devolver terras expropriadas de moradores da Sicília.

Com o passar do tempo, o modo de conceber a argumentação, ou melhor, a Retórica, muda e, conseqüentemente, o tratamento dado a ela também.

A partir da segunda metade do século V a. C., os filósofos sofistas, com o objetivo de formar alunos capazes de utilizar recursos retóricos da maneira mais persuasiva possível, mudam o foco da educação grega: além do treinamento para a guerra, vencer o oponente com o esforço intelectual passa a ser relevante, o cidadão deveria, então, saber convencer, induzir e persuadir os demais daquilo que para ele seria a verdade, em qualquer situação. Com os estudos de Aristóteles, clareza e adequação passaram a ser condições essenciais para uma argumentação exemplar.

Dessa época em diante e durante muitos anos, a arte de argumentar passou a integrar os currículos escolares e os manuais didáticos, valorizando o caráter ornamental dos textos, produzindo grandes oradores e importantes tratados de oratória. Contudo, paulatinamente, a Retórica enfrenta períodos de instabilidades, atrofia e perde espaço tanto nos meios escolares como no cotidiano das relações interpessoais.

Oliveira (2004) explica que, somente no século XX, sob a égide de uma nova retórica, a argumentação renasce como objeto de investigação de várias áreas de pesquisa sobre a linguagem: Estilística, Análise do Discurso e Linguística.

Com os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a Nova Retórica propõe um retorno à Retórica Aristotélica: argumentar é levar a crer sem causar constrangimentos ao interlocutor e, para isso, técnicas específicas colaboram para a eficiência do processo argumentativo. Na esteira desses estudos, outros conceitos, como discurso, texto e subjetividade, passam a integrar as questões que tratam da argumentação. Surge, então, a Teoria da Enunciação, cujo precursor é Benveniste. A partir dela, são fixados os pilares da Semântica Argumentativa, estabelecendo o discurso como estrutura apoiada nas relações entre os interlocutores e em determinada situação discursiva. Ducrot e Anscombre (1988), representantes primeiros da área, defendem que a argumentação é inerente à língua e uma série de procedimentos argumentativos, nos níveis sintático, semântico e pragmático, direcionam o sentido do texto.

Desde então, os estudos da argumentação vêm despontando em outras áreas da Linguística – Pragmática, Análise da Conversação, Teoria dos Atos de Fala, Linguística Textual – e passou a ser consenso, entre os estudiosos, que a linguagem é uma forma de agir sobre o outro e o mundo, um espaço de interação.

Koch (2002; 2003), um dos expoentes brasileiros nos estudos da linguística de texto/discurso, concordando com Ducrot, afirma que a argumentatividade integra o nível

fundamental da língua e que o uso da linguagem já é, por si só, essencialmente argumentativo. Dessa forma, a linguagem é marcada ideologicamente e vários discursos atravessam-na, de acordo com os interesses dos sujeitos da enunciação, em uma relação situada em tempo e espaço determinados. Considerando essa base teórica, a autora dedicou-se, entre outros, a estudos de identificação e análise de elementos linguísticos responsáveis pelas marcas argumentativas e ideológicas evidenciadas nos textos/discursos: os *recursos semântico-argumentativos* (KOCH, 2002; 2003; 2006; KOCH; ELIAS, 2016).

Quando selecionados e combinados, esses recursos produzem uma força argumentativa responsável por direcionar a atenção do interlocutor, para os sentidos que o locutor pretende que sejam construídos, e ainda revelam indícios do comprometimento do sujeito, isto é, deixam marcas de subjetividade no enunciado.

Dessa forma, partindo da premissa inicial de que “a argumentação está na língua” (DUCROT, 1989, p. 16), analisamos os *recursos semântico-argumentativos* utilizados na composição de uma *capa* da revista informativa *Veja*.

Para a análise proposta, optamos por aliar as considerações teóricas sobre esses *recursos* à exploração dos dados, a seguir.

### ***Capa de revista informativa e subjetividade: uma análise do corpus***

A *capa de revista informativa* é um gênero discursivo multimodal de caráter, primordialmente, impessoal, devido ao seu propósito primeiro de divulgar uma informação. Com o foco no referente, o texto jornalístico que a compõe procura transparecer impessoalidade, criando um simulacro de neutralidade, objetividade e distanciamento do objeto temático do discurso. A associação de imagens contribui para a persuasão do leitor (HERNANDES, 2001).

Segundo Koch (2002, p. 155), a opção por esse estilo “aparentemente” neutro “destina aumentar a credibilidade, por contraste com um estilo argumentativo mais inflamado”. Assim, apesar da aparente neutralidade, o texto da *capa* revela marcas linguístico-argumentativas que denunciam não apenas o envolvimento afetivo/avaliativo do locutor, mas também a direção argumentativa para a qual ele pretende conduzir o interlocutor, influenciando na opinião deste a respeito do tema tratado no discurso.

Esta sessão é dedicada à análise dessas marcas em uma *capa* da revista informativa *Veja*.

Organizamos os movimentos da análise da seguinte maneira: após a apresentação do objeto de investigação, reunimos, em dois quadros, os *recursos semântico-argumentativos*

identificados no enunciado da *capa* e as respectivas descrições sintático-semânticas desses elementos linguísticos. Em seguida, com o apoio de Koch (2002; 2006; 2016), Castilho (2010) e Neves (2010), tecemos considerações sobre as estratégias enunciativas alavancadas por esses *recursos*, os possíveis efeitos de sentido construídos por eles e as intenções que podem encerrar.

**Capa de revista informativa: informação, persuasão e crítica**

*Veja*, um periódico informativo publicado semanalmente, é a revista mais consumida no país e uma das mais lidas no mundo, portanto, uma quantidade considerável de pessoas se identifica com a maneira como as notícias, reportagens e anúncios são ali apresentados. São leitores com um grau de escolaridade acima da média nacional, uma espécie de elite socioeconômica privilegiada, consumidores potenciais tanto pelo seu nível de escolaridade quanto financeiro (HERNANDES, 2001). Destarte, temos a revista *Veja* – representada por seus editores e colaboradores, que falam em nome de uma empresa – como o *locutor* que se dirige a um potencial leitor da revista, seu *interlocutor*.

A *capa* da edição que escolhemos para a análise é esta:

Figura 1 - Capa da revista *Veja*



Fonte: Revista *Veja*, n. 2507, de 07/12/2016

A primeira observação do exemplar analisado mostra-nos uma formatação geral bastante minimalista. Isso nos leva à hipótese de que, em contraposição, o objeto temático

apresentado seja bastante relevante, pois as manchetes de *capa* se referem aos acontecimentos considerados pela revista os mais importantes para ela e para o leitor.

Essa formatação mostra-nos um fundo verde, como um tapete ou um gramado, dominando toda a *capa* contornada por uma margem na cor preta. No canto inferior direito, a imagem de dois ratos. No alto, ao centro, a assinatura da revista, embora um pouco esmaecida, destaca-se como que pintada na cor branca nesse tapete ou gramado. Abaixo da assinatura, em fonte menor, também na cor branca, estão os *contextualizadores* da edição, isto é, informações que a ancoram na situação enunciativa: número, local e data da publicação; ao lado dela, a identificação da editora responsável. No centro e na parte inferior, grafado na cor branca e em caixa alta, está o enunciado que apresenta a reportagem principal ao leitor. Tematizando a edição e a própria *capa*, esse enunciado, estruturado em duas orações, encerra mais de uma ideia:

Oração 1 – ENQUANTO O BRASIL CHORAVA A TRAGÉDIA...

Oração 2 – ...DEPUTADOS ENTRAVAM EM CAMPO CONTRA A LAVA-JATO

Vejam os recursos argumentativos da Oração 1 e a análise.

Oração 1 – ENQUANTO O BRASIL CHORAVA A TRAGÉDIA...	
Recursos argumentativos	Descrição sintático-semântica
enquanto	Articulador textual, constrói relação lógico-semântica de temporalidade. (KOCH; ELIAS, 2016).
o Brasil	Sujeito do verbo “chorar”; personificação por metonímia, substituindo “os brasileiros” ou “o povo brasileiro”. (CAMARA JR., 1978).
chorava	Verbo “chorar” conjugado no pretérito imperfeito do modo Indicativo – transitivo direto, de aspecto durativo; polissêmico por derivação metafórica, cujo sentido é “lamentar, lastimar, sofrer, sentir profunda tristeza, deplorar a ausência de alguém”. (CASTILHO, 2010; CAMARA JR., 1978; HOUAISS, 2009).
a tragédia	Objeto direto do verbo “chorar”; por derivação, no sentido figurado, significa “catástrofe, desgraça, acontecimento que desperta piedade, comoção”. (HOUAISS, 2009).
uso de reticências	Sinal gráfico.

Iniciaremos a análise pela *seleção lexical*.

O signo é um elemento naturalmente ideológico e seu funcionamento se concretiza na relação com outros signos (BAKHTIN, 2002), assim, a escolha estratégica de determinados elementos linguísticos é um recurso retórico de grande importância, pois exerce influência

significativa na argumentatividade do discurso e deixa marcas de subjetividade nos enunciados, denunciando as intenções do enunciador. Reconhecemos que, de forma geral, a escolha de qualquer palavra, termo ou expressão faz parte da *seleção lexical* efetuada pelo locutor, entretanto, de acordo com postulados da Semântica Argumentativa, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios são classes gramaticais mais propensas a imprimir subjetividade ao enunciado, revelando uma intenção argumentativa e seu possível impacto.

Assim acontece com a seleção do verbo “chorar” e do substantivo “tragédia”. Ao comporem o enunciado da *capa* ora analisada, juntos desencadeiam o processo argumentativo, causam impacto no interlocutor e revelam alto grau de subjetividade.

O artigo definido do sintagma nominal “a tragédia” denota que o evento é um fato notório com o qual os interlocutores estão familiarizados. Os *contextualizadores*, na *capa*, levam à conclusão de que “a tragédia” citada é a queda do avião da companhia boliviana LaMia, na cidade de Medellín, na Colômbia, que deixou 71 mortos e apenas 06 sobreviventes, feridos. Dentre as vítimas fatais, está, praticamente, toda a equipe de futebol (atletas, membros da comissão técnica, dirigentes) da cidade de Chapecó-SC – a *Chapecoense* – a qual representaria o Brasil no jogo final da Copa Sul-Americana contra o Atlético Nacional, equipe colombiana. Pela trajetória meteórica da equipe, no campeonato, a *Chape*, um clube até então pouco conhecido, conquistou o carinho e a admiração do *país do futebol*. Também por isso, o acidente, ocorrido nove dias antes da publicação da edição de *Veja*<sup>3</sup>, foi amplamente divulgado pela imprensa durante muitos dias.

Dessa forma, quando a revista se refere à “tragédia”, o locutor conta com essa lembrança, em outras palavras, com o *conhecimento de mundo* do interlocutor para a identificação do referente. Segundo Koch (2006), o *conhecimento de mundo*<sup>4</sup> reúne vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos. Os elementos linguísticos “chorava” e “a tragédia” acionam o *conhecimento de mundo*, fazendo com que os sentimentos e a comoção daqueles momentos, em torno do acidente com a *Chapecoense*, sejam revividos na memória do interlocutor a partir da leitura da Oração 1.

Outro *recurso semântico-argumentativo* identificado são as *figuras de linguagem*. Utilizadas como recurso estilístico, elas tornam a linguagem mais expressiva e refletem traços

<sup>3</sup> *Veja* vai tratar do assunto somente no dia 07/12/2016, porque é uma revista de periodicidade semanal.

<sup>4</sup> Koch e Elias (2009) referem-se ainda aos conhecimentos: *linguístico, de textos e interacional*. Estabilizados na memória, esses conhecimentos são ativados no processo de produção e compreensão dos textos. Nossa menção somente ao *conhecimento de mundo* deve-se ao objetivo da pesquisa, contudo, como é possível observar, todos estão envolvidos, simultaneamente, na análise.

de subjetividade. A *personificação* do sujeito “o Brasil” faz com que a ação do verbo “chorar” seja atribuída ao país. Ao substituir, por derivação *metonímica*, “os brasileiros” ou “o povo brasileiro” por “o Brasil”, o locutor amplia o âmbito de significação da palavra (CAMARA JR., 1978), o sentido extrapola o próprio campo semântico e cria novos efeitos. Dizer que “o Brasil chorava a tragédia”, significa que *todos* os brasileiros (ou *todo* o povo brasileiro) foram mobilizados, atingidos emocionalmente pelo acidente com o time da *Chapecoense*. Veremos, mais adiante, que essa construção é crucial para o efeito de sentido pretendido pelo locutor.

Os *sinais gráficos* também são recursos retóricos muito empregados como estratégias discursivas. As *reticências*, ao final da Oração 1, substituindo a vírgula, revelam um grau muito elevado de subjetividade: marcam hesitação, estratégica, do locutor diante da informação; indicam omissão de algo que não se quer revelar (pelo menos, momentaneamente); insinuem alguma ideia. Segundo Koch (2002, p. 151), “insinuar” é um ato que põe em jogo “uma intenção comunicativa particular do locutor, apresentada de maneira velada”. Além disso, observamos que, ao interromper o período, as *reticências* imprimem certo ar de suspense ao enunciado.

A Oração 1 é uma *subordinada adverbial temporal* anteposta à oração principal (Oração 2). Neves (2010, p. 601) afirma que as relações entre uma oração principal e uma subordinada adverbial são vistas como “análogas a relações retóricas que constroem o texto”. Diríamos, portanto, que a própria elaboração da *oração adverbial* funciona como um recurso argumentativo.

O articulador textual “enquanto”, que a introduz, é um *operador argumentativo* responsável pela coesão e pelo estabelecimento da relação semântica de simultaneidade temporal entre as duas orações (KOCH; ELIAS, 2016), indicando, portanto, a ocorrência simultânea (ou quase) dos eventos enunciados na Oração 1 e na Oração 2. Conforme Oliveira (2003), os *operadores argumentativos* contribuem para a progressão textual, veiculam estratégias linguístico-argumentativas e imprimem marcas de subjetividade do locutor, são essenciais para o desencadeamento de efeitos, ações, comportamentos. O uso do verbo “chorar” no pretérito imperfeito do modo Indicativo corrobora a relação de simultaneidade estabelecida pelo *operador* “enquanto”, pois, no contexto, indica uma ação em curso.

Na área da sintaxe, quando a *oração subordinada adverbial* é expressa anteposta à principal, o objetivo é destacar o conteúdo veiculado por ela. Todavia, Neves (2010, p. 602) explica que a anteposição da *oração adverbial* também exerce a função de *relevo informativo*, isto é, ela prepara “a moldura de referência para o conteúdo da oração que segue”, serve de fundo ou base para o evento central: o objeto do discurso. Portanto, no enunciado analisado, a

Oração 1 é portadora de informação essencial para a compreensão da informação expressa na Oração 2. Por meio dela, o locutor informa que algo acontecia no Brasil, ao mesmo tempo, em que os brasileiros sentiam profunda tristeza em virtude do acidente com a equipe da *Chapecoense*.

A relação semântico-argumentativa veiculada pelo *operador* “enquanto”, somada à comoção reavivada pela *seleção lexical* em “o Brasil chorava a tragédia...”; aos efeitos construídos pelas *reticências* no final da oração; e à posição da Oração 1, no enunciado, impelem o leitor à busca de mais informações: *O que estaria acontecendo enquanto o Brasil chorava a tragédia?* Para obter a resposta, ele precisa conhecer a informação veiculada pela Oração 2.

Dessa forma, parece-nos que a opção do locutor, no contexto analisado, por uma *oração adverbial* anteposta à principal, configura-se como estratégia discursiva para: (1) chamar a atenção do interlocutor; (2) prendê-lo à leitura da *capa*; e (3) servir de base para a informação expressa na oração principal, direcionando-o para o objeto do discurso.

A seguir, os recursos semântico-argumentativos identificados na Oração 2 e a análise.

**Quadro 2:** Recursos argumentativos da Oração 2

Oração 2 – ...DEPUTADOS ENTRAVAM EM CAMPO CONTRA A LAVA-JATO	
Recursos argumentativos	Descrição sintático-semântica
uso de reticências	Sinal gráfico.
entravam em campo	Predicado do sujeito “deputados”; expressão pertencente ao campo semântico do futebol, cujo significado é “adentrar o espaço do campo de futebol”; por derivação, no sentido figurado, “entregar-se a um trabalho, a uma tarefa, pôr-se a fazer algo com empenho e determinação”. (KOCH, 2006; HOUAISS, 2009).
contra	Articulador textual, constrói relação lógico-semântica de adversidade. (CASTILHO, 2010; NEVES, 2000).
a Lava-Jato	Sintagma nominal que compõe o adjunto adverbial “contra + a Lava-Jato”.

As *reticências*, no início da Oração 2, marcam a retomada do enunciado e significam, para o interlocutor, a quebra do suspense deixado ao final da Oração 1.

Entre os demais *recursos semântico-argumentativos*, destacamos, inicialmente, nessa oração, a *seleção lexical*. A maior parte da oração é composta de palavras selecionadas no campo semântico do futebol – “entravam em campo contra”. Essa *seleção lexical* é impactante à medida que aciona *o conhecimento de mundo* do interlocutor e traz à tona, novamente, o episódio da “tragédia” com a *Chapecoense*, colocado em foco na Oração 1. Essa escolha não é neutra e revela marcas de subjetividade do locutor.

O sintagma nominal “a *Lava-Jato*” também aciona o *conhecimento de mundo* do leitor e outro discurso é resgatado na *memória*. Desde 2014, a Polícia Federal trabalha na maior investigação sobre corrupção da história do Brasil. A *Operação Lava-Jato* investigou e descobriu a existência de um vasto esquema de corrupção e lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras, políticos de vários partidos e as maiores empreiteiras do país. Paulatinamente, os suspeitos de envolvimento passaram a ser conhecidos e os primeiros resultados da investigação fizeram com que, por um lado, a classe política caísse em descrédito, e, por outro, a *Lava-Jato* (procuradores e juízes do Ministério Público), mesmo não sendo uma unanimidade, conquistasse a confiança, a admiração e o apoio dos cidadãos em geral. Desde então, o discurso da *Operação Lava-Jato* é assunto corrente na mídia há três anos.

Outro recurso de destaque é o articulador textual “contra”. Ele instaura a relação semântica de oposição no sintagma verbal “entrar [em campo] contra a *Lava-Jato*”, cuja instrução argumentativa é de movimento contrário a algo ou alguém. Segundo Castilho (2010, p. 598), esse operador “acrescenta informações ao texto” e é ligado a um verbo de movimento, cujo sujeito é o “controlador do evento”. A primeira informação veiculada pela Oração 2 é a de que “deputados entravam em campo” e a segunda é a de que fizeram isso “*contra* a *Lava-Jato*”.

Ao ser deslocada para o campo semântico da política, a expressão “entrar em campo + contra” desencadeia o entendimento de que deputados trabalharam com determinação em oposição à *Lava-Jato* do mesmo modo como um time entra em campo para derrotar um adversário. Essa informação já seria suficiente para mobilizar/reforçar a opinião do interlocutor contra a classe política, porém o locutor ainda tem outras intenções.

Ao combinar as duas orações do período, a *capa* de *Veja* informa que, enquanto os brasileiros lamentavam a tragédia que afligiu a *Chapecoense*, deputados entregavam-se com empenho a uma tarefa com objetivos contrários às decisões da *Lava-Jato*. Com isso, o locutor espera produzir um sentimento de indignação/raiva/revolta no leitor, pois pior que ir contra a *Operação Lava-Jato*, seria se aproveitar de um momento tão delicado para fazer isso: quando *todos* os brasileiros estavam (ou deveriam estar) com as atenções voltadas para as consequências da tragédia. A partir dessa conclusão, outra questão é passível de ser levantada pelo interlocutor: *O que os deputados fizeram contra a Lava-Jato?* Nesse momento, ele é persuadido a ler a revista, mais especificamente, a consumir a revista, pois a resposta a essa questão está nas páginas internas do periódico, podendo ser acessada pela leitura da reportagem. Contudo, outro movimento de persuasão também está em execução: o de fazer o leitor concordar com a opinião do locutor, ou melhor, da revista *Veja*.

Os efeitos de sentido construídos nas *capas de revistas* são resultado da associação entre linguagem verbal e não-verbal. Recorrendo aos elementos imagéticos da *capa* em pauta, observamos que, ao reunirmos o fundo verde texturizado, as frases do enunciado escritas em caixa alta e grafadas na cor branca e a margem preta que circunda a *capa* da revista (como uma tarja preta em sinal de luto), temos delineado um campo de futebol: o gramado verde e as faixas brancas que delimitam os setores do campo (verde e branco também são as cores do uniforme e da bandeira da *Chapecoense*). Assim, por meio da imagem, o tema da tragédia com o time da *Chapecoense* continua servindo de base, de fundo para o enunciado, como na *oração adverbial* anteposta (Oração 1). No canto inferior direito, há ainda a imagem de dois ratos “entrando em campo”, sorrateiros (quase não os notamos), pela “linha de fundo do gramado”.

Dessa feita, quando o locutor informa na *capa* que “deputados entravam em campo contra a Lava-Jato” (Oração 2) e o leitor observa a imagem dos ratos ao lado da oração, não há como não associar, em uma *metáfora* visual, os deputados aos ratos, roedores responsáveis pela destruição de alimentos e pela transmissão de doenças, por isso, tão mal vistos pela sociedade (assim como os políticos, no contexto do enunciado). Esse efeito também é gerado pelo *recurso semântico-argumentativo* da situação de *polissemia* da expressão “entrar em campo”: no contexto dos ratos, a expressão tem significação denotativa, no contexto dos deputados, conotativa. A *polissemia* também se revela como um recurso muito produtivo para a manifestação da subjetividade.

Não obstante, “rato” também é a designação para ladrões, gatunos, pessoas sem escrúpulos (HOUAISS, 2009), sentidos que o leitor de *Veja* conhece. Logo, na circunstância enunciativa na qual o locutor presentifica o discurso da tragédia da *Chapecoense* e o discurso da *Operação Lava-Jato*, por meio dos recursos verbo-visuais da *capa*, ele propõe estratégias argumentativas muito fortes para convencer o interlocutor de que os deputados se aproveitaram do momento, em que *todos* os brasileiros estavam chocados e tristes com o acidente da *Chapecoense*, para fazer algo contra a *Operação Lava-Jato*, ou seja, agiram como “ratos”: enquanto todas as atenções estavam voltadas para a tragédia, os deputados, sorrateiramente, tiraram proveito da situação de comoção do povo (momento em que as atenções foram desviadas do contexto político) para prejudicar a *Operação Lava-Jato*, agindo, portanto, de maneira inescrupulosa.

A partir dessa construção, outro questionamento é suscitado: 1. *O que teria levado os deputados a agir contra a Lava-Jato, enquanto o Brasil chorava a tragédia?* Para saber as circunstâncias desse evento, o leitor é persuadido, mais uma vez, a ler/consumir a revista.

A representação do campo de futebol, na *capa*, ainda nos dá outras marcas de subjetividade e persuasão. No centro, na posição de destaque do campo (os jogadores sempre entram em campo pelo centro do gramado) e da *capa*, temos a *Chapecoense*, como homenageada e base para o objeto do discurso do locutor (Oração 1); pela linha de fundo do campo, entrando discretamente, vemos os ratos (e os deputados contra a *Lava-Jato* – Oração 2); no setor mais importante do campo, na área do gol, convenientemente, está *Veja*. Temos a representação do locutor no lado contrário à linha de fundo e mais próximo do centro do campo, ou seja, distante dos deputados/ratos e perto da equipe de futebol (por isso, a assinatura do periódico “pintada/marcada no gramado do campo”) e, conseqüentemente, do lado do povo brasileiro, que chorava o acidente com a *Chape* (por isso, a “assinatura” esmaecida, sem muito destaque, em sinal de respeito ao ocorrido e ao luto pelas vítimas do time de futebol) e aprova o trabalho desempenhado pela *Operação Lava-Jato*. Dessa maneira, o enunciado verbo-visual informa que *todo* o país – os brasileiros ou o povo brasileiro –, inclusive *Veja*, sentiu muito pela tragédia e sofreu por causa dela, com exceção dos deputados, que agiam contra a *Lava-Jato* naquele momento de comoção. Assim, os deputados também estariam contra o Brasil/os brasileiros.

Os recursos verbo-visuais, que imprimem um caráter minimalista (ou não) às *capas*, também indicam os assuntos mais relevantes do momento enunciativo, ou os quais a revista quer divulgar. Na *capa* em questão, *Veja* divulga o acidente com a equipe de futebol da *Chapecoense*, mas, sobretudo, a atitude dos deputados contra a *Operação Lava-Jato* – o objeto do discurso.

Podemos concluir que o discurso de *Veja* revela, por meio das marcas de subjetividade indicadas na *capa de revista* analisada, a posição ideológica de um segmento social, o qual não compactua com os acontecimentos mais recentes da política, e informa que há uma crise ou um descompasso entre o Congresso, representado *metonimicamente* por “deputados”, e o Ministério Público, representado, por meio do mesmo recurso, pelo termo “Lava-Jato”.

### **Algumas considerações**

O momento em que analisamos *o como se diz* e *o quem diz para quem* faz parte do processo de desvelamento do discurso desencadeado pelos elementos verbais, não-verbais e extraverbais, é o momento de descobrir os meandros da urdidura textual. Trata-se da observação daquilo que se mostra na sintaxe, na semântica e no processo de enunciação, fornecendo-nos

pistas para compreender o modo como o discurso se textualiza e o que o locutor pretende com ele.

O objetivo da pesquisa, retratada neste artigo, foi identificar e analisar essas pistas, presentes em uma *capa* da revista *Veja*, a fim de verificar os possíveis efeitos de sentido que, além de informar, levam à persuasão do leitor.

Com o auxílio dos aportes teóricos da Semântica Argumentativa, a análise da *capa* da edição nº 2507 revelou o caráter argumentativo do enunciado por meio de indícios de subjetividade presentes nos seguintes *recursos semântico-argumentativos*: *seleção lexical*, *figura de linguagem* (personificação, metonímia e metáfora), *operadores argumentativos* (conectores: conjunção e preposição), *polissemia*, *oração subordinada adverbial anteposta à oração principal*, *sinal gráfico* (reticências).

A análise desses dados demonstrou que o discurso configurado pelos *recursos linguístico-enunciativos*, aliados aos recursos imagéticos, além de assumir um caráter de persuasão (para que o leitor consuma a revista e também concorde com a opinião do locutor), que subjaz ao propósito primeiro do gênero *capa de revista* – informar –, constrói ainda uma crítica velada à situação política do país e a seus parlamentares. Assim, um único enunciado dá a *Veja* a possibilidade de *marcar três gols* – informar, persuadir, criticar – em um jogo textual-discursivo disputado com o leitor.

Dessa forma, fica evidenciado que a *capa de revista* é um gênero textual/discursivo que adentra a sociedade em geral, tentando interagir com o leitor de modo aberto, simples, mas, ao mesmo tempo, discreto e complexo, envolvendo-a, por meio de recursos verbais e não-verbais, em uma trama argumentativa que também permite a identificação de um problema social, muitas vezes, escondido em jogos de palavras, imagens e ideias.

### Referências

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, Oswald. *L'Argumentation dans la langue*. 2. ed. Bruxelles: Mardaga, 1988.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

CAMARA JR., J. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DUCROT, O. Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *História e sentido na linguagem*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

HERNANDES, N. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização: uma análise semiótica*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. revista. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2010.

OLIVEIRA, E. G. A. Argumentação na Antiguidade. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 5, p. 201-214, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. Aspectos diferenciais dos operadores argumentativos e dos marcadores discursivos. In: MACEDO, Joselice; ROCHA, Maria José Campos; SANTANA NETO, João Antônio de. *Discursos em análises*. Salvador: Universidade Católica de Salvador, Instituto de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Argumentação: da Idade Média ao Século XX. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 7/2, p. 109-131, dez. 2004.

PUZZO, M. B. Gêneros discursivos: capas de revista. *Caminhos em linguística aplicada*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 63-71, 2009. Disponível em: < [www.unitau.br/caminhosla](http://www.unitau.br/caminhosla) >. Acesso em: dez. 2016.

VEJA. São Paulo: *abril*, n. 2507, dez. 2016. [capa]. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/edicoes/2507/>>. Acesso em dez. 2016.